

PROF. DR. ANTÔNIO INÁCIO ANDRIOLI

Prezadas senhoras e prezados senhores:

Eu gostaria muito de agradecer a todas e todos vocês por estar sendo honrado pelo BUND Naturschutz (Amigos da Terra) da Baviera. Ao mesmo tempo, gostaria de agradecer a todas as pessoas e instituições que me apoiaram ao longo desses anos. Desde dezembro de 2019 estou aqui em Munique, no Centro Rachel Carson para Meio Ambiente e Sociedade da Universidade Ludwig Maximilians, cuja direção me acolheu gentilmente como pesquisador visitante em seu grupo internacional de pesquisa e possibilitou que, pelo período de três meses, eu pudesse estar aqui na Baviera, onde me sinto muito bem e praticamente “em casa”.

Trata-se, de fato, da mais alta distinção que eu pude desejar até hoje, tanto porque estive muitas vezes aqui na Baviera, como porque aprendi muito a valorizar a natureza com as pessoas daqui, em especial os agricultores. Os camponeses dos Alpes, de onde também vieram meus ascendentes, desenvolveram uma grande capacidade de resistir, que me sensibiliza muito e me inspirou a atuar em defesa de um mundo melhor, justo e sustentável, sem jamais desistir.

Já faz bastante tempo que ouvi falar, pela primeira vez, do BUND Naturschutz in Bayern. Ainda era no tempo do doutorado na Alemanha, quando eu estava constantemente em viagens, para participar de atividades sobre o tema dos transgênicos na agricultura. Juntos, nós conseguimos resistir à utilização de uma técnica que se baseia na dominação e modificação da natureza, com o objetivo de explorá-la, sem conhecê-la integralmente. Os efeitos disso já são notórios: a natureza reage contrariamente e das suas reações surgem novos problemas na agricultura.

Eu acho que foi Goethe quem já nos alertou que a natureza não entende de brincadeira. Esse alerta ainda é muito atual, pois parece que os seres humanos subestimam essa mensagem, especialmente em países como o Brasil, que



ainda dispõe de muitos recursos naturais e onde se continua pensando que eles seriam ilimitados e somente serviriam para serem transformados em lucros.

Eu passei a me convencer de que a nossa problemática ambiental é, também, ao mesmo tempo, um problema de conhecimento. É, portanto, um problema da forma como se produz conhecimento, como ele é utilizado e convertido em novo conhecimento. Parece que falta pensamento crítico e, certamente, falta consciência ambiental. Mas a situação é ainda pior: cientistas críticos geralmente não são bem-vindos ao questionarem grandes interesses. Cientistas engajados continuam sendo perseguidos, quando contrariam interesses econômicos. Mas, a crítica é uma condição para a ciência e a consciência crítica, uma das grandes qualidades dos seres humanos. O que seria de uma forma de ciência que não é crítica? Eu entendo que ela se transforma em ideologia, sendo reduzida e utilizada para a mera legitimação de interesses.

Assim, por exemplo, também pensaram Jürgen Habermas e, especialmente, Herbert Marcuse, ao final dos anos 1960: a técnica e a ciência se convertem em ideologia. Certamente, para muitos, isso não é algo consciente. Eu constatei isso de forma recorrente em debates científicos, como, por exemplo, durante o período em que fui membro da CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), que se tornou responsável pela aprovação de transgênicos no Brasil. Atualmente, eu parto do pressuposto de que, simplesmente, não se busca mais a compreensão das relações entre as coisas e que muitos nem sabem mais o que estão fazendo. Como poderíamos esperar soluções de uma ciência tão parcial se ela mesma é causadora de muitos dos nossos problemas atuais? E ainda precisamos acrescentar que, muitas vezes, os cientistas críticos, os poucos que ainda pesquisam de forma independente, são rotulados de ideológicos. Mas é claro que isso também faz parte da forma ideológica de se pensar: apresentar a si mesmo como neutro e estigmatizar sempre os outros como sendo ideológicos.

Eu também considero que é mais honesto explicitar, em todos os debates científicos, os interesses que, como cientistas, representamos. Da mesma

forma, anunciar quem financia minhas pesquisas, como, por exemplo, meu doutorado na Alemanha, que só foi possível por ter sido contemplado com uma Bolsa de Estudos da organização alemã Pão para o Mundo. Além disso, me parece fazer uma grande diferença se um cientista é financiado com dinheiro público ou privado. Também isso tem a ver com interesses. Por isso, precisamos de muito mais instituições públicas de pesquisa, para que a ciência não se converta em propaganda eufórica de grandes empresas e cientistas não desaprendam de levar em consideração as questões de maior relevância para o conjunto da sociedade, em função da sua crescente dependência de financiamento por parte de terceiros.

Evidentemente, não se trata apenas de interesses. O próprio conhecimento dos agricultores também é importante. Por exemplo, eu não considero difícil explicar a um agricultor o significado do conceito de sustentabilidade, pois ele também quer que seus filhos, suas filhas e seus netos assumam sua propriedade como agricultores em melhores condições que as suas. Um camponês aqui da Baviera me falou que se considera um ambientalista por conservar o solo e demais recursos naturais, de forma que a sua propriedade possa continuar produzindo de maneira duradoura. E, quem sabe, é ainda mais estratégico a produção agrícola ter de ser sustentável e saudável porque o próprio agricultor e sua família dela se alimentam. Assim, a água que o próprio agricultor consome somente será potável se ele mesmo cuidar para que ela não seja contaminada. Isso faz uma enorme diferença para quem mora, trabalha e vive na agricultura, pois se trata do seu próprio ambiente saudável e da sua consequente qualidade de vida.

Eu aprendi a valorizar o conceito alemão de alimento: “Lebensmittel”, que significa meios de vida. E é disso que se trata na agricultura: produzir alimentos, portanto, produtos que nos permitem viver. Produzir comida saudável e sustentável, significa, igualmente, ter uma forma especial de viver, que exige maior proximidade da natureza e de todas as suas formas de vida. Uma determinada forma de viver também pressupõe uma forma especial de pensar, uma consciência sustentável em tudo o que se faz, coerente com o que se pensa. Isso só é possível quando se compreende o que na língua bávara

pode ser expresso tão bem em uma única palavra: *“weiloisirgendwiazamhängd”*, que significa “porque tudo, de alguma forma, está inter-relacionado”.

Eu avalio que essa compreensão de pensar integralmente e em equilíbrio com a natureza é o maior desafio para a ciência do nosso tempo. A divisão entre agir e pensar e a crescente especialização conduziu os seres humanos à indiferença, à falta de consciência e à resignação. Querer saber quase tudo sobre quase nada produz a arrogância de acreditar que somente poucos conseguem dominar o conhecimento altamente especializado. Ao mesmo tempo, essa maneira de pensar exalta a ignorância, pois, para além do conhecimento especializado, se sabe cada vez menos sobre o todo e as relações entre as partes que o constituem.

Podemos afirmar que a humanidade já conseguiu ir bem longe pensando do geral para o particular. O caminho de volta, porém, parece mais difícil, entretanto decisivo, pois a natureza precisa ser concebida como um todo. É decisivo também compreender as inter-relações entre a natureza, o ser humano e a sociedade quando se trata de sustentabilidade, pois ela está vinculada à questão da justiça. Problemas ambientais e sociais geralmente surgem de forma conjunta e, portanto, sociedade e natureza não deveriam ser separadas.

E, assim, retornamos ao tema dos interesses, pois o que deveria interessar mais à humanidade do que a sua própria existência? Essa também é a questão fundamental que me vincula aos agricultores, pois não posso pressupor que a humanidade tenha futuro sem eles. Por isso, como filho de um pequeno agricultor, produtor de soja e descendente de alemães, faço aqui a sua defesa, entendendo que, assim como atualmente pautamos a proteção da natureza, os agricultores e uma agricultura camponesa regionalizada precisam ganhar maior destaque e reconhecimento, se realmente desejamos que a humanidade tenha um futuro!

Os agricultores continuam existindo e, diferente das projeções estatísticas de muitos economistas, eles seguem sendo uma parcela significativa da população de muitos países e, assim, decisivos para a sua soberania alimentar.

Quando trato da cultura camponesa, evidentemente me refiro à agricultura. Com isso, quero afirmar que a produção de alimentos não pode ser reduzida a seus aspectos econômicos. Economia e ecologia possuem a mesma origem: cuidar da nossa casa comum. Estimular essa cultura do bem comum ou, em outras palavras, vincular a proteção da natureza com a agricultura, significa que precisamos nos opor à lógica da industrialização da agricultura. Especialmente em função da sua vinculação direta com a natureza, não há como industrializar completamente a agricultura. Ela está relacionada com o manejo cuidadoso dos recursos naturais, que, normalmente, não é considerado nos cálculos da maioria dos economistas.

Eu não tenho aqui nenhum problema em manifestar publicamente que, como cientista, pesquiso em acordo com o interesse dos agricultores e atuo, conscientemente, em defesa de uma agricultura camponesa, sustentável, solidária e livre de transgênicos e agrotóxicos. No Brasil, uma ex-Ministra da Agricultura afirmou que o meu livro *Transgênicos: as sementes do mal* (que também já está disponível em português) não seria científico, porque todo agricultor que o lê consegue compreendê-lo. Eu considero essa crítica um grande elogio ao livro, pois ele foi escrito com base na minha tese de doutorado, para ser destinado ao grande público, especialmente os agricultores. Mas, essa crítica manifesta a existência de uma determinada forma de ciência, produzindo conhecimento que não possa ou não deva ser compreendido por qualquer agricultor. Ao mesmo tempo, ela manifesta uma clara visão acerca dos agricultores, como se eles fossem as pessoas na sociedade com maiores dificuldades em sequer compreenderem a ciência. Eu sou de outra opinião.

No ano de 2009, quando fui designado membro da Comissão de Implantação de uma nova universidade pública na minha região pelo então Ministro da Educação, eu, imediatamente, retornei da Áustria, por acreditar que teríamos uma oportunidade única de dar início à primeira universidade pública e popular do Brasil. Assim, tentamos construir, durante dez anos, uma nova universidade, com ênfase, entre outras, na agricultura sustentável, na qual os agricultores participam de decisões da vida acadêmica e podem ser

protagonistas na construção de conhecimento. Estávamos convencidos da necessidade de uma universidade pública, financiada integralmente com recursos públicos, para possibilitar uma pesquisa independente e contextualizada.

Como resposta do governo federal a uma exigência da sociedade civil, especialmente à pressão dos movimentos sociais do campo, no interior do sul do Brasil e na fronteira oeste com a Argentina (longe, portanto, do litoral e das grandes capitais), surgiu, em 2009, a UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul). É a primeira universidade federal do país na qual todos os cursos de Agronomia dão ênfase à Agroecologia; onde mais de 30% dos alimentos consumidos nos restaurantes universitários são adquiridos dos próprios agricultores da região; com feiras de produtos dos agricultores sendo comercializados regularmente nos seis campi e na reitoria, dos quais um deles é o primeiro campus instalado dentro de um assentamento de Reforma Agrária. Há cinco anos estamos tentando relacionar a área da saúde com a agricultura, pela temática da alimentação. Assim, ao abordarmos a Saúde Ambiental, podemos, por exemplo, investigar os efeitos de agrotóxicos sobre a saúde. A relação com a agricultura também está prevista em outras áreas, como a Educação do Campo (Formação de Professores para as Escolas do Campo), na área da Administração e das Ciências Econômicas, com ênfase em Cooperativismo; na Engenharia Ambiental, com ênfase em Energias Renováveis; na Nutrição, com ênfase em Soberania Alimentar e Nutricional; na Medicina Veterinária e na Engenharia de Aquicultura, com ênfase em Saúde e Bem-estar Animal.

Tivemos êxito na definição de uma forma especial de acesso à universidade, possibilitando que a maioria dos estudantes seja da própria região (marcada pela agricultura) e dificilmente teria acesso a uma universidade pública de outra maneira. Mais de 90% dos nossos estudantes são oriundos de escolas públicas, o que é inédito para o Brasil, e 87% representam a primeira geração da família com acesso ao Ensino Superior. A UFFS é a única universidade com campi nos três estados, com o maior número de estudantes indígenas do sul do país e a primeira com um programa especial de ingresso de imigrantes, que

também são acompanhados pelo Centro de Referência em Direitos Humanos da própria universidade. A temática da sustentabilidade foi concebida de forma interdisciplinar na UFFS e a agricultura sustentável está entre suas maiores prioridades.

O que conseguimos realizar ao longo da última década me desperta muita esperança. Por isso, entendo que a preservação da cultura camponesa deveria estar na pauta prioritária de todos os governos, pois ela será cada vez mais decisiva diante das crises ambientais que ainda estão por vir. Isso, obviamente, não significa deixar a ciência moderna de lado. Pelo contrário: entendo que a Agroecologia precisa combinar o conhecimento tradicional dos agricultores com o que há de mais avançado na área do conhecimento. Por isso, o investimento público é tão decisivo na fase de transição para a Agroecologia, que considero ser a única forma de produção de alimentos viável para o futuro.

Nos primeiros anos da transição agroecológica, entretanto, é preciso considerar uma redução na produtividade e maior intensidade de trabalho. Isso se estabiliza no decorrer do tempo, mas precisa ser inicialmente rentável para os agricultores. Nesse período de transição, os governos precisam apoiar os agricultores e compreender, finalmente, que, no todo, a proteção da natureza reduz custos, como, por exemplo, na área da saúde pública, cujos custos do uso de agrotóxicos geralmente são pagos pelos contribuintes de impostos. Os custos sociais e ambientais da industrialização são, em sua maioria, externalizados, como, por exemplo, o aumento do desemprego, que, na maioria dos países, gera concentração de terras, êxodo rural, empobrecimento, endividamento e, paradoxalmente, mais fome no meio rural.

Eu venho de um país no qual poderiam ser cultivadas praticamente todas as plantas existentes no mundo. A diversidade de recursos naturais, assim como as diferentes condições de solo e clima, permitem que o país possa ser um dos maiores produtores de alimentos. Apesar disso, suas terras são cultivadas majoritariamente com monoculturas, como, por exemplo, a soja, que é principalmente exportada como ração barata. Com isso, nos tornamos mundialmente o maior consumidor de agrotóxicos, temos a maior

concentração de terras e continuamos lutando contra a fome e a pobreza no campo. A destruição da Amazônia e do Cerrado representa uma das consequências mais gritantes do cultivo de soja e da criação extensiva de gado num país que, com seus recursos naturais, há séculos contribui para o aumento das riquezas em outras partes do mundo.

Eu sei que essa forma de desenvolvimento também prejudica os agricultores daqui e que uma mudança na política agrária internacional em benefício de uma agricultura regionalizada poderia ser uma solução. Medidas concretas, como a redução do consumo de produtos de origem animal, da criação intensiva de animais e das importações de soja, quando ela está relacionada à destruição ambiental e às violações de direitos humanos, poderiam contribuir significativamente para que os agricultores tanto no Brasil como na Alemanha tenham maiores oportunidades. Nesse sentido, impedir a consolidação do Acordo de Livre-Comércio previsto entre a União Europeia e o Mercosul é fundamental para a promoção da proteção ambiental e dos direitos humanos em ambos os lados do Atlântico, pois trocar carros e bens industriais da Alemanha por soja, etanol e carne barata do Brasil prejudica os agricultores tanto aqui como lá.

O consumo de carne é um dos grandes responsáveis pela mudança climática e pela redução da biodiversidade. Também não é sustentável produzir combustíveis a partir de cultivos em forma de monoculturas, que estão associadas ao uso intensivo de agrotóxicos e ao desmatamento. Além disso, precisam ser considerados os efeitos sociais e ambientais dessas importações. Assim como os custos de energia como, por exemplo, em decorrência do transporte em longas distâncias, certamente associados a grandes quantidades de energia fóssil.

Precisamos, portanto, de uma agricultura familiar, camponesa, sustentável, solidária, livre de transgênicos e agrotóxicos. Para isso, o conhecimento é muito importante e, certamente, temos muito a aprender uns com os outros.

Os cientistas acreditam que sabem, às vezes compreendem, mas raramente sentem, ou são atingidos pelos problemas. Os agricultores, porém, são atingidos o tempo todo por problemas, compreendem muito, mas raramente

acreditam que sabem. Por isso, eu considero tão genial o sentido do “irgendwia” [de alguma forma] na expressão bávara “weiloisirgendwiazämhängd” (porque tudo, de alguma forma, está inter-relacionado). Os agricultores afirmam não saber, por isso o “de alguma forma”. *Como algo é?* – isso os cientistas deveriam tentar responder. Que tudo está “inter-relacionado” os agricultores já sabem e os cientistas deveriam seguir esse exemplo.

Eu continuo, portanto, acreditando que os agricultores sabem muito, mesmo que muito disso ainda não esteja cientificamente comprovado; e mais: que os cientistas também são atingidos pela natureza e deveriam tentar entendê-la, ao invés de brincarem com ela. Como ambos (cientistas e agricultores) estão em condições de compreender, pressuponho que também poderiam se entender melhor entre si. Nisso eu vejo que está a maior oportunidade e essa também já é a minha síntese! Através da agroecologia é possível unir a proteção ambiental com a agricultura, que permita construir uma forma duradoura de produzir alimentos para as futuras gerações. Mas, se trata também de possibilitar o diálogo e a aprendizagem coletiva, a unidade entre a ciência e a experiência, para atingirmos o objetivo de uma transformação agroecológica em todas as suas dimensões, incluindo a política.

Há muito a fazer e devemos continuar juntos. Ter essa feliz oportunidade de novamente estar aqui e, a partir de hoje, poder participar do BUND Naturschutz in Bayern como membro honorário é um grande apoio para mim nesses difíceis tempos que vivemos no Brasil. Isso, de fato, me dá muita esperança. E ela se faz necessária para ter força suficiente e continuar, apesar de tudo.

Com esse pensamento, eu gostaria de agradecer, profundamente, mais uma vez, a cada um e cada uma de vocês e, especialmente, à direção e associados do BUND Naturschutz in Bayern por esse reconhecimento! Vocês me deram muita força e esperança, que eu, nesses tempos tão difíceis, vou poder aproveitar muito bem. Muito obrigado!